



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

ERIKA ANDRADE DE ARAUJO

**FAMÍLIA, CRIANÇA E PROCESSO DE LEITURA/ESCRITA NOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

João Pessoa – PB

2020

ERIKA ANDRADE DE ARAUJO

**FAMÍLIA, CRIANÇA E PROCESSO DE LEITURA/ESCRITA NOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Marlécio Maknamara da Silva Cunha

João Pessoa – PB

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663f Araujo, Erika Andrade de.

Família, criança e processo de leitura/escrita dos anos
iniciais no ensino fundamental / Erika Andrade de
Araujo. - João Pessoa, 2021.
48 f.

Orientação: Marlécio Maknamara da Silva Cunha.

TCC (Graduação em Pedagogia - modalidade a distância)
- UFPB/CE.

1. Letramento. 2. Leitura. 3. Escrita. 4. Relação
família-escola. I. Cunha, Marlécio Maknamara da Silva.
II. Título.

UFPB/C

CDU 37(043.2)

FAMÍLIA, CRIANÇA E PROCESSO DE LEITURA/ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 11 / 06 /2021

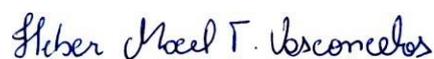
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marlécio Maknamara da Silva Cunha
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Profa. Ms. Luíza Cristina Silva Silva
Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Prof. Ms. Heber Macel Tenório Vasconcelos
Universidade Federal de Alagoas - UFAL

A minha mãe dedico esta monografia, a maior incentivadora de todos os meus sonhos. Minha gratidão sempre! Obrigada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por toda força e coragem em mim depositada; à virgem Maria, por sempre me auxiliar com sua inteligência, carinho e amor de uma mãe e que me admitiu ultrapassar quaisquer obstáculos encontrados ao longo dessa caminhada.

Agradeço de forma especial, carinhosa, e com o coração cheio de gratidão a minha mãe Elza, que sempre foi o motivo para o meu sucesso e jamais desistiu. Sempre me incentivou a lutar pelos meus objetivos, com a sua capacidade protetora, cuidadosa, que só uma mãe tem pelo filho. Esteve presente na minha luta árdua do dia a dia, sempre depositando em mim forças, amor e muita coragem.

Ao meu irmão Vicente Neto, a quem tanto amo. Mesmo com sua inocência, contribuiu preocupando-se com meu futuro, dando-me forças, e sempre me perguntando se eu nunca iria realizar meu sonho.

Ao meu esposo Francieudes, meu amor que, mesmo com seus dias de trabalho exaustivo, sempre esteve ao meu lado, apoiando-me, motivando-me a nunca desistir, e que seguir em frente era o melhor para mim, pois acreditava no meu potencial.

A minha amiga de curso, Joyce Rayane que, mesmo distante, esteve presente com o seu companheirismo e troca de experiências.

Agradeço a todos da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, pelo fornecimento de dados e materiais que contribuíram para a ampliação da pesquisa que permitiu a concretização deste trabalho.

Agradeço a meu orientador por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa. Por toda atenção, paciência que comigo teve, por todo o seu desempenho. A minha gratidão!

Por fim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente. Vocês foi o motivo para minha vitória nessa caminhada, árdua, longa, enriquecendo o meu aprendizado e tornando esse sonho uma realidade cheia de gratidão.

RESUMO

Em nossa sociedade, é comum as famílias atribuírem a responsabilidade de ensinar a ler e a escrever exclusivamente aos professores, relatando que essa é a função desses profissionais. Com isso, parte das dificuldades vivenciadas pelas crianças está relacionada à falta de comprometimento da família com a vida escolar delas. O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema principal o papel da Família no processo de alfabetização e letramento de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Diante desta problemática, delineamos a seguinte pergunta: Como se dá a atuação da família no processo de alfabetização e letramento de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental e? Para este questionamento, delineamos, como objetivo geral, discutir a participação dos pais no processo do desenvolvimento da alfabetização e letramento. Em decorrência deste objetivo, elaboramos como objetivos específicos: abordar o processo de alfabetização e letramento de crianças e seus aspectos relacionados com à participação no processo de alfabetização/letramento de crianças de 6 a 8 anos. Para tanto, metodologicamente adotaram-se procedimentos da Pesquisa bibliográfica. Como resultados, destacamos a importância da leitura e da escrita a partir de Freire (1987; 1989); apresentamos as etapas do desenvolvimento da escrita com auxílio de Ferreiro (1995); pontuamos algumas discussões sobre alfabetização e letramento a partir de Magda Soares (2014) e Luiz Antônio Marchuschi (2008). Concluimos este TCC enfatizando a importância da participação e do comprometimento dos pais no desenvolvimento do processo de alfabetização e letramento das crianças. Compreendendo que o processo de conhecimento sobre determinado tema é de natureza complexa e inesgotável, destacamos a relevância de novos estudos, sobretudo em que seja possível analisar, da perspectiva dos professores e da família, esta tensa e necessária contribuição familiar que promove as aprendizagens, sobretudo de crianças em processo de alfabetização.

Palavras-chave: Família. Criança. Alfabetização. Letramento.

ABSTRACT

In our society, it is common for families to assign the responsibility of teaching teachers to read and write exclusively, reporting that this is the role of these professionals. As a result, part of the difficulties experienced by children is related to the family's lack of commitment to their school life. The main theme of the present Course Conclusion Paper (TCC) is the role of the Family in the process of literacy and literacy of children in the early years of elementary school. Faced with this problem, we outline the following question: How does the process of literacy and literacy of children in the initial grades of elementary school and the performance of the family take place? For this questioning, we outlined, as a general objective, to discuss the participation of parents in the process of developing literacy and literacy. As a result of this objective, we elaborated as specific objectives: to approach the process of literacy and literacy of children and their pathways related to the participation of in the process of literacy / literacy of children from 6 to 8 years old. For that, we used the bibliographic research as methodological proceedings. For the results, we highlight the importance of reading and writing from Freire (1987; 1989); we present the stages of the development of writing with the help of Ferreiro (1995); we pointed out some discussions on literacy and literacy from Magda Soares (2014) and Luiz Antônio Marchuschi (2008). We concluded this CBT emphasizing the importance of parental participation and commitment in the development of the children's literacy and literacy process. Understanding that the knowledge process on a given topic is of a complex and inexhaustible nature, we highlight the relevance of new studies, especially in which it is possible to analyze, from the perspective of teachers and the family, this tense and necessary family contribution that promotes learning, especially of children in the process of literacy.

Keywords: Family. Child. Literacy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	METODOLOGIA.....	13
2.1.	TIPO DE PESQUISA.....	13
3.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
3.1.	A CRIANÇA E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	16
3.2.	O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, SOCIAL E LINGUÍSTICO DAS CRIANÇAS.....	20
3.3.	ALFABETIZANDO E LETRANDO CRIANÇAS.....	23
4.	RESULTADOS E DISCUSÃO:.....	32
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

Eu sempre me identifiquei com a área da educação, a educação, sempre me despertou curiosidades de ir além, sempre buscar a conhecer a cada dia mais, e no ano de 2014 no mês de agosto recebi uma das melhores notícias, fui aprovada no Enem, uma oportunidade surgia na minha vida acadêmica, cursar licenciatura em pedagogia pela universidade federal da Paraíba a UFPB, mais um desafio foi lançado, era um ensino a distância, estou aqui na reta final da minha graduação, durante esse percurso obtive muitos conhecimentos.

Formar-me em pedagogia para mim é realizar um dos maiores sonhos, não só o meu como o da minha maior incentivadora minha mãe. Um sonho profissional, onde sei que preciso de muita responsabilidade para exercer a minha profissão como amor e dedicação. Um profissional tem que atuar com muita ética e caráter, por que sabemos que ele pode mudar a vida de uma pessoa com impactos positivos.

Sabemos que a nossa atuação vai bem além do que nos estudamos por isso preciso desenvolver habilidades para ofertar um ensino de qualidade, com o ensino aprendizagem, onde iremos realizar troca de conhecimentos. Sabemos que não é tarefa fácil ser professor nos dias de hoje, muitos fatores influenciam no exercício profissional. Ser docente é você preparar o aluno para viver nessa sociedade cheia de desafios, mudanças, e incertezas. O professor hoje é ser protagonista do ensino.

Os saberes adquiridos nessa minha trajetória de estudos, nesse processo de formação, e que o professor está sempre aprendendo mais no dia a dia, na convivência em sala de aula, a vida na graduação nos exige muitos estudos, conhecimentos, onde esse estudo tem que ser desde o início, na fase inicial do ensino.

A formação inicial é de suma importância, para um bom desempenho, onde prepara a criança para os estudos de forma constante, sempre a buscar novas

leituras, pesquisas, e conhecimentos, deixando-os com hábitos de estudos, e de saberes da experiência para ser compreendidos. Nesse sentido os nossos conhecimentos são muitos, onde uns aprendemos na fase inicial, outros teóricos, e alguns só na prática.

Apresentando as memórias do tempo de escola, lembro que sempre tive muita dificuldade com a leitura, e hoje como uma profissional em formação percebo as dificuldades que eu tenho com a minha escrita, onde percebo que necessito de muitas leituras, para conseguir uma boa interpretação. Lembro também que os meus pais não tinham o costume e a preocupação de ir à escola, para acompanhar o meu rendimento escolar, deixando toda responsabilidade para os professores.

Perante todos os desafios vivenciados sobre a participação dos pais na educação das crianças, como e o desenvolvimento com a leitura e sua escrita na fase inicial, se a criança tem aquele acompanhamento dos pais, o incentivo, isso ainda é uma problemática existente na educação. O tema deste trabalho é: família, criança e processo de leitura/escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. Com uma pesquisa desenvolvida em: Qual é a importância da família no processo de alfabetização e letramento?

A importância da família na inserção da criança nos processos de leitura e de produção da escrita nos anos iniciais é fundamental, muito embora haja várias dificuldades enfrentadas por esses sujeitos na sociedade, sobretudo no que diz respeito ao uso da leitura e da escrita. Isso reflete na atuação dos professores nessa etapa dos Anos Iniciais. Sabemos que esses processos têm um papel importante na vida das crianças, proporcionando e despertando para o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e escolar.

A leitura e a escrita têm uma grande importância no aprendizado do ser humano de forma geral. Nesse sentido, entendemos que esse processo não deve ser apenas interpretar códigos e letras. Leitura deve significar compreender os sentidos que são significativos para os indivíduos, bem como entender o contexto que a mensagem está inserida e os seus aspectos linguísticos e extralinguísticos. Isso favorece o aprimoramento dos sujeitos nas atuações sociais e discursivas. Paulo Freire (2008) afirma que a leitura de mundo precede a leitura das palavras. Por isso, consideramos que leitura e escrita devem caminhar juntas no processo de desenvolvimento dos indivíduos.

Nesse contexto, a família tem sua importância no desenvolvimento escolar, social, emocional, psicológico, cultural e emancipatório da criança. A convivência familiar influencia a educação das crianças de forma ampla e específica. É no convívio em casa que elas têm os primeiros contatos com a leitura de mundo e das palavras. Então, nesse contato com a família, os adultos e as crianças maiores devem orientar e ensinar às menores os significados de tais leituras, bem como estimular a criatividade e imaginação da criança. Isso é importante para que haja um adequado desenvolvimento no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita.

No contexto escolar, os docentes são responsáveis por colaborar com a alfabetização e com o letramento das crianças. Isso é um procedimento que deve ser realizado com o apoio dos familiares, que cooperam com um método mais aberto para tornar significativa a construção de conhecimentos essenciais a todo o ser humano que convive em uma sociedade letrada.

Destacamos que parte das dificuldades vivenciadas pelas crianças, nesse cenário da educação, está relacionada à falta de comprometimento da família com a vida escolar delas. As famílias atribuem a responsabilidade de ensinar a ler e a escrever exclusivamente aos professores, relatando que essa é a função desses profissionais e que nada tem a ver com isso. Dessa forma, surge a seguinte indagação: Qual é a importância da família no processo de alfabetização e letramento?

O objetivo principal dessa pesquisa visa discutir a participação da família no processo do desenvolvimento da alfabetização e letramento. Apresentando as dificuldades com o trabalho da leitura e escrita. Para a consecução deste objetivo, elencamos como objetivos secundários: analisar o desenvolvimento da criança no processo de alfabetização e letramento e compreender o papel da família no processo de alfabetização/letramento de crianças de 6 a 8 anos.

A problemática permite analisar a situação das famílias, e suas dificuldades em acompanhar o processo de alfabetização e letramento das crianças, assim a sua relação com a escola, qual a participação, procurando compreender como os professores constroem uma relação de parceria com as famílias, por que sabemos que a escola e a família são de uma importância fundamental para o processo de aprendizagem. Nesse sentido, é necessário que se tenha aproximação dos contextos familiar e escolar.

Considerando o apoio dos familiares, o professor deve adequar às ações educativas a maneiras que encantem e sejam significativas para o envolvimento das crianças no convívio social, bem como favoreçam a interação com os familiares no desenvolvimento dessas ações. Notamos que essa interação da família com o estudante pode ser fundamental para aprendizagens significativa. O professor deve saber como vai proporcionar essa forma de aprendizagem e envolver as famílias no processo de construção dos conhecimentos das crianças.

O presente trabalho esta organizado por um resumo sobre a pesquisa qualitativa, bibliográfica desenvolvidas ao longo do trabalho. Na primeira seção fiz um breve resumo sobre A criança no processo da alfabetização e letramento, sendo necessário falar um pouco de como a criança começa a se desenvolver com o seu conhecimento, através do convívio familiar, uma descoberta cheia de desafios.

Na segunda seção foi demonstrada A família e o desenvolvimento do letramento das crianças, estudando,observando que a família e a base de todo o desenvolvimento escolar de suas crianças, são os maiores incentivadores para obter sucesso com o processo de conhecimento.

E se conclui com as perspectivas da evolução das famílias, sendo que a família e o referencial para a socialização, proteção, e desenvolvimento educacional, trazendo estímulos para a leitura e escrita,assim sendo capaz de iniciar a valorização.

2 METODOLOGIA:

Para tanto aqui neste capítulo apresento para vocês metodologicamente as minhas descobertas sobre o tema deste trabalho: “família, criança e processo de leitura/escrita dos anos iniciais no ensino fundamental.” Trazendo todo o desenvolvimento utilizado para completar os objetivos.

Para realizar-se uma pesquisa surgiu uma inquietação, questionamento, provocado por uma curiosidade em compreender o assunto, então necessita de manter um foco para o estudo. Porém fazer uma pesquisa não é algo fácil, precisa de muita dedicação, estudo, e esforço, para constituir esse desafio.

2.1. TIPO DE PESQUISA:

Ao começar a desenvolver o meu trabalho, planejei em realizar uma pesquisa de campo, com professores e pais de alunos, para analisar como estava o desenvolvimento das crianças na escola e como se encontrava a participação dos pais no seu desenvolvimento escolar.

Mas diante de todo esse cenário que estamos vivendo, um momento “atípico” onde a pandemia nos impossibilitou de muitas coisas a serem desenvolvidas, e uma delas foi à área da educação, impossibilitando as aulas presenciais no meu município. Como no momento tudo era muito novo, os profissionais da educação se

sentiram sobrecarregados, e não tinham tempos disponíveis para realizar qualquer tipo de tarefa a não ser da própria escola.

Portanto a minha opção era desenvolver uma pesquisa bibliográfica, assim comecei fazer varias pesquisas pelo *Google escolar*, em livros, artigos, resenhas, outros referenciais.

GIL (2002, p. 44) relata que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

Assim a pesquisa bibliográfica entende-se que é uma pesquisa elaborada através de materiais já elaborados, onde o estudo fica mais intenso, aonde realiza diversas buscas sobre o tema proposto, para entendermos o pensamento de cada escritor.

Na realização desta pesquisa, quanto à abordagem, que eu escolhi foi a do tipo qualitativa. Segundo as autoras SILVEIRA e CORDÓVA (2009. P.31) “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” Uma pesquisa qualitativa e buscar o aprofundamento, a investigação, a compreensão das questões relacionadas, em uma perspectiva da experiência de muitas pessoas, com resultados diferenciados sendo adaptada ao trabalho aplicado.

A pesquisa qualitativa que realizarei é de natureza Aplicada porque ainda segundo as mesmas autoras SILVEIRA e CORDÓVA (2009. P.35) a pesquisa de natureza Aplicada “Objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”. Pesquisa

aplicada é onde o pesquisador busca uma orientação para solucionar o problema vivente nos dias a dias, no encontro da realidade, permitindo aprofundamento dos estudos.

Meu objetivo com a realização de uma pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza aplicada é explorar o tema: “família, criança e processo de leitura/escrita dos anos iniciais no ensino fundamental.”.

Segundo Gil (2002. P.41) A pesquisa Exploratória “Têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm o objetivo principal o aprimoramento de ideias ou descobertas de intuições”.

Portanto a pesquisa exploratória consente ao pesquisador se familiarizar com os problemas existentes na pesquisa, tornando um aprimoramento com o seu estudo nas ideias e suas descobertas. Podendo construir hipóteses com as novas concepções com o problema de pesquisa.

O que me motivou a realizar o estudo mais aprofundado sobre esse meu tema, foi desde então observar a falta da participação dos pais na educação dos filhos, e o porquê deles apresentar certa dificuldade ao entrar na escola, observei todos esses pontos através de um estagio que realizei em uma escola do meu município, da cidade de Pombal PB, percebi muito que os pais acreditam que o educar é apenas em sala de aula, que os professores tem essa responsabilidade, mais quando a realidade é outra, os pais devem desenvolver um bom convívio com educação.

Porem muitos pais de família ainda não sabe a importância de se trabalhar desde muito cedo a educação com as crianças. As crianças se sentem mais seguras, e desenvolvem hábitos com os estudos.

3. REFERENCIAL TEÓRICO:

3.1. A CRIANÇA E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Ser criança é incluir e ter direito da autenticidade, com todos possíveis desafios que aparecem nessa fase tão concisa e aberta da vida. Embora a criança se encontre sob a responsabilidade dos pais, isto não significa que ser criança não é anuir a uma total submissão e influência dos anseios familiares.

A criança tem o direito de se descobrir, porque cada criança é única. Elas devem sempre a obediência aos pais, mas não têm uma regra específica, os pais devem entender o seu bem estar. Acima de tudo, a criança traz o direito de ser criança. Ela necessita poder estudar, brincar, fazer amigos e também ter o amor e a proteção familiar.

Maruny afirma:

Ler também serve para controlar e lembrar-se do que escrevemos. Quando perguntamos à criança o que é que ela queria escrever, pedimos-lhes que leia seu escrito. A própria criança pode recusar ler o que já escreveu para avançar tal como os adultos fazem ao repassar nossos textos enquanto escrevemos. Essa atividade traz informação decisiva para a criança (Maruny, 2000)^[2].

O desenvolvimento da leitura e escrita na vida das crianças pode começar de bem cedo, por meio dos pais, em sua comodidade do lar, a partir das histórias que as crianças têm relação, apenas por escutar elas começam a despertar o gosto pela leitura, de tal modo inicia o primeiro ciclo da leitura, que com o passar dos anos vai se desenvolvendo.

Para Ferreiro (2001, p. 38), “a criança recebe informação dentro, mas também fora da escola, e essas informações extraescolares se parecem com a informação linguística geral que utilizou quando aprendeu a falar”.

O ato de ler precisa começar nos primeiros anos e antes mesmo do acesso da criança à escola, para obter êxito e tornar-se prazeroso. Para tanto, a criança não precisa ser forçada a isso, esse procedimento tem que ser desenvolvido com cuidado para não se transformar em atividade cansativa.

A leitura nesta etapa dos primeiros anos tem uma importância especial, pois a mesma irá fazer parte de todo o procedimento de alfabetização do estudante. Recomenda-se que a leitura deve ser ensinada no Ensino Fundamental I, neste momento o aprendente já consegue escrever, mas nem sempre consegue compreender o que escreve.

Segundo Ferreiro (1996, p.24) “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.”.

Para que a criança tenha a capacidade de descobrir sua escrita, ela primeiro precisa ter um acesso a pequenas leituras, o que vai ajudar na escrita, por isso é fundamental a leitura, sendo uma das formas mais complexas do ensino, que exige cuidados na aprendizagem.

Ensinar a ler e a escrever continua sendo uma das tarefas mais delicadas no contexto escolar. Muitas crianças fracassam já no início do processo de alfabetização.

Como diz Paulo Freire: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” FREIRE, (2003, p. 13) A leitura é eficaz para o desenvolvimento social da criança, cooperando para formar cidadãos conscientes.

Freire afirma:

Alfabetizar uma criança é, entre outras coisas, ensiná-la a ler, a confrontar ou usar os textos escritos, compreendendo-os e situando-se melhor no mundo de acordo com os propósitos buscados nesses próprios textos. (FREIRE, 1982, p.12).

Para que este processo se efetive, Freire (1982) complementa que a leitura deve ser trabalhada de modo que o leitor possa idealizar e capturar formas, cores, encantos e imaginação, criando o seu mundo de fantasia ou não, de modo que a criatividade seja aceitável.

A leitura constante auxilia a ampliar familiaridade com a escrita. A proximidade com o mundo da escrita, por sua vez, promove a alfabetização e o apoio em todas as disciplinas, Ademais, cabe lembrar que a leitura auxilia fortemente na escrita certa das palavras.

A escrita é uma atividade nova para a criança e, por isso, ainda necessita de tratamento exclusivo na alfabetização. Essa é uma questão importante que nos leva uma constante tarefa.

Entretanto a necessidade de ler e escrever não aparece da mesma forma para todas as crianças, já que elas convivem em meios distintos que lhes proporcionam conhecimentos múltiplos.

Compreender o quanto a criança se adapta na regra de escrita nas séries iniciais ajuda ao professor aprimorar a condição de ensino, até porque a alfabetização é necessária para o entendimento de todas as áreas do conhecimento.

Para Soares:

Quanto mais a criança for estimulada a experimentar escrever e ler, quanto mais ela puder exercitar a leitura e a escrita livremente, sem pressões, sem censura ou correções constantes, maior a possibilidade de desenvolver uma atitude positiva em relação a esse processo. (SOARES, 2010, p.41)

O processo na construção de ler e escrever vai muito além de uma tarefa escolar, sendo valorizado ao longo da trajetória da vida, onde terá saldos positivos no êxito de vários conhecimentos.

Kuenzer afirma que:

“leitura, escrita e fala não são tarefas escolares que se esgotam em si mesmas; que terminam com a nota bimestral. Leitura escrita e fala – repetindo – são atividades sociais, entre sujeitos históricos, realizadas sob condições concretas”. (Kuenzer, 2002, p.101)

O hábito de ler e usar a escrita deve ter início desde a infância, os pais devem despertar tal hábito, estimulando e desenvolvendo a imaginação. Assim as crianças começam a perceber que é algo prazeroso para o dia a dia. O aprender a ler e a escrever são ações fundamentais para todos os seres humanos.

Para Villardi (1997, P.04).

[...] ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui com um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania.

A metodologia de alfabetizar é caracterizada pela construção de hipóteses relacionadas com o funcionamento e as normas de origem do sistema alfabético de escrita, é um conteúdo muito complexo e que promove processos de observação ainda bastante elaborados pelo sentido de quem adquire esse conhecimento.

Para tanto, a educação deverá oferecer instrumentos e condições que ajudem o aluno a aprender a aprender, a aprender a pensar, a conviver e a amar. Uma educação que ajuda a formular hipóteses, construir caminhos, tomar decisões, tanto no plano individual quanto no plano coletivo (MORAES, 1997, p. 211).

O processo de ensino/aprendizagem da alfabetização deve ser organizado de modo que a leitura e a escrita sejam desenvolvidas em uma linguagem real, natural, significativa e vivenciadas.

3.2. O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, SOCIAL E LINGUÍSTICO DAS CRIANÇAS.

A psicologia experimental de Vygotsky, ao apresentar o processo de desenvolvimento com bases biológicas e culturais da cognição humana, enfatiza as relações entre linguagem e pensamento. Essa semelhança entre a linguagem e o pensamento norteia a busca da habilidade da criança de produzir a cognição como uma construção resultante das interações dentre o aparato biológico e o meio físico e social, a partir de uma experiência sócio-histórica.

Uma contribuição importante de Vygotsky é a de que o método de aquisição da linguagem pela criança segue o sentido do exterior para o interior, ou seja, do meio social para o indivíduo. Isso demonstra a importância das relações sociais e linguísticas no desenvolvimento da criança. Nas palavras de Vygotsky:

“A natureza do próprio desenvolvimento se transforma do biológico para o sócio-histórico. O pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural e inato, mas é determinado por um processo histórico cultural e tem propriedades e leis específicas” (VYGOTSKY, 1989, p. 44).

Assim, considerando a importância das relações sociais e linguísticas no desenvolvimento da criança, Vygotsky afirma que o início do desenvolvimento cognitivo é intersíquico, pois aparece da relação entre o psiquismo do adulto e da criança. Nesse processo a inclusão do que é falado e do que ocorre à volta da criança ocupa uma importante ação, pois primeiro ela apreende as circunstâncias para depois ser capaz de expressar-se oralmente.

Vygotsky avalia as relações entre desenvolvimento e aprendizagem, ressaltando a importância dos processos de aprendizagem. A aprendizagem não é um dos processos de desenvolvimento, mas é um aspecto cogente do método de desenvolvimento das funções psicológicas. Conforme Vygotsky:

A mente não é uma rede de capacidades gerais como observação, atenção, memória, julgamento etc., mas um conjunto de capacidades específicas, cada uma das quais, de alguma forma, independe das outras e se desenvolve independentemente. O aprendizado então é a aquisição de capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas (VYGOTSKY, 1989, p. 93).

A aprendizagem está unificada ao ambiente social que a criança convive e por iniciar-se pelas relações interpessoais, precisa, na maioria das vezes, da linguagem.

Para explicar o processo de desenvolvimento cognitivo, Jean Piaget (1896-1980), grande estudioso do desenvolvimento cognitivo, dividiu a sequência do desenvolvimento em estágios e períodos. Ele parte do pressuposto de que o desenvolvimento mental não pode ser dissociado do crescimento físico e defende que há um paralelismo entre eles. A inteligência, para Piaget, modifica-se à medida que a criança se desenvolve.

Piaget, desse modo, tem um procedimento de conhecimento com a informação do meio em que convivemos quanto o que já está registrado na nossa memória, ou seja, a inteligência se constrói a partir da interação entre o organismo e o ambiente.

Já Vygotsky pensa quase o oposto. Ele postula que desenvolvimento e aprendizagem são procedimentos que se influenciam reciprocamente, de modo que, quanto mais aprendizagem, mais desenvolvimento. Esse autor defende que só há desenvolvimento tipicamente humano se a pessoa for exposta a uma cultura, apropriando-se das crenças, valores, tradições e habilidades do grupo social ao qual pertence. Para que uma criança comece a falar, ela precisará ter órgãos sensoriais, motores e de articulação perfeitos, além de um processo normal de desenvolvimento do sistema nervoso. Segundo ele,

[...] o desenvolvimento dos conceitos, ou dos significados das palavras, pressupõe o desenvolvimento de muitas funções intelectuais: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar. Esses processos psicológicos complexos não podem ser dominados apenas através da aprendizagem inicial. (VYGOTSKY, 1998, p. 104).

O desenvolvimento de uma linguagem correta e lógica é essencial para que o ser humano se integre socialmente. O meio em que a criança está inserida tem grande influência no desenvolvimento da linguagem. As crianças começam a copiar o modo de falar de seus pais, irmãos e de todas as pessoas que residem com ela.

O ambiente emocional será de grande importância para o desenvolvimento da linguagem da criança pequena. Um ambiente integral de afeto e descontraído é importante para um desenvolvimento saudável em todos os aspectos, inclusive no que se refere à linguagem.

O desenvolvimento cognitivo permite que as crianças aumentem conceitos sobre ela mesma, assim como maior controle emocional. As crianças vão ter noção de seus próprios sentimentos e dos sentimentos dos outros e começam a dominar melhor suas emoções em situações sociais. O crescimento emocional se expressa em autocontrole de emoções negativas.

Os espaços familiares e escolares são fundamentais para o desenvolvimento do controle da emoção e da autoestima.

Compreende-se o alcance que a leitura desempenha na vida de uma criança no seu desenvolvimento emocional, social, intelectual, cognitivo, etc. e uma necessidade de desenvolver atividades diversificadas de leitura e escrita, as quais precisam ser planejadas pelo professor/educador, e aplicadas de forma ética e divertida no ensino-aprendizagem, na busca de despertar o encanto dos aprendentes em ler e escrever, na vida de tais alunos, tanto no contexto formal, quanto no contexto não formal.

3.3. ALFABETIZANDO E LETRANDO CRIANÇAS

O letramento é um termo atual empregado no Brasil, como condição de aproveitar práticas de leitura e escrita com autonomia no contexto social. Há anos vem sendo discutido o fracasso enfrentado na escola nos anos iniciais, que os alunos na maioria das vezes que mal sabem ler e escrever, quanto mais interpretar e produzir textos, esses alunos são conhecidos como analfabetos funcionais.

Para Soares (2006, p.18) letramento resulta, pois: “[...] estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

O processo de letramento está associado ao papel que a linguagem escrita desempenha na sociedade. Assim, o processo de letramento não se oferece exclusivamente na escola. Os espaços que frequentamos os objetos e livros a que temos acesso, as pessoas com quem convivemos, também são agências e agentes de letramento. Tudo que nos circula e ocorre informação, de uma maneira ou de outra, é um veículo de letramento.

O letramento demanda a leitura e produção de múltiplos gêneros de textos que rodeiam socialmente com o alvo de aperfeiçoar leitores críticos e cidadãos que obtenham interpretar vários textos, apreendendo sua estrutura e forma de comunicação.

Hoje, os grandes objetivos da Educação são: ensinar a aprender, ensinar a fazer, ensinar a ser, ensinar a conviver em paz, desenvolver a inteligência e ensinar a transformar informações em conhecimento. Para atingir esses objetivos, o trabalho de alfabetização precisa desenvolver o letramento. O letramento é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia (FERNANDES, 2010, p.19).

Alfabetizar é um processo em que a pessoa é capaz de entender uma mensagem escrita e de codificar uma palavra oral tornando-a escrita. E, portanto, para algumas crianças, a escrita como representação gráfica é um conceito já edificado, antes mesmo de frequentar a escola, devido sua interação ou relação com pessoas que leem e escrevem ou até mesmo o mundo da escrita.

Segundo Soares (2006, p.15): "Alfabetizar significa adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita [...]". "A alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas".

Alfabetizar vai além de processos e metodologias de ensino, é conciso se procurar o real significado da alfabetização levando em conta a realidade e a maturidade dos educando, mostrando a eles qual a finalidade e a necessidade de ler e escrever.

Atualmente, a alfabetização não é vista como algo desvinculado do mundo, ela envolve um procedimento de construção de conhecimentos que leva os educados a se distinguirem como sujeitos autônomos, ativos e críticos na sociedade. Ela constitui-se num método extenso e complexo, o qual ressalta a importância das crianças fazerem uso social da leitura e da escrita, conhecendo a função social da linguagem.

Dentro dessa perspectiva, Soares (1998) define o termo alfabetização como "ação de ensinar/aprender a ler e escrever enquanto letramento é a condição de quem sabe ler e escrever e exercer as práticas sociais que usam a escrita".

Como afirma Soares:

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrario: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das praticas sociais da leitura e escrita, de modo que o individuo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (1998, p. 47)

Não há dúvida quanto à importância da alfabetização com letramento. Sem ler e escrever compreendendo os sentidos sociais deste processo, a inserção social não acontece plenamente. Nesse sentido, o docente deve desenvolver metodologias para incentivar o desenvolvimento das práticas sociais e discursivas no convívio escolar e social,

É importante que não se faça erroneamente apenas a substituição do termo alfabetização pelo termo letramento, ficando muitas vezes colocada a alfabetização como pré-requisito para o letramento. É importante conseguir o desvelamento dos dois termos. SOARES (1998), reafirmamos a noção de que alfabetização é o ato de se tornar “alfabetizado” enquanto letramento se explica como a condição em que o indivíduo necessita ter conhecimento de onde e como usar as habilidades adquiridas. Para reafirmar o fato, adotemos como base o que segue:

Retomemos a grande diferença entre alfabetização e letramento e entre alfabetizado e letrado [...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 1998, P.39-40).

A autora se faz intensa ao comentar sobre os dois termos e deixa a noção sistêmica do que cada um deles representa tornado assim possível debater o que se refere a cada processo no seu domínio maior e que no presente trabalho trata-se de colocar o apoio familiar.

O processo de alfabetização e letramento precisa encontrar-se incluído no domínio do processo de ensino aprendizagem de forma ilimitada, bem embasada e sem exceções que lhe possam travar. De maneira que ocorra de acordo com o contexto real dos alunos.

Entretanto, podemos compreender que a alfabetização e o letramento são métodos indissociáveis que precisam andar sempre juntos, sem perder a especificidade de cada um. É importante conhecer a necessidade de solicitar a combinação entre essas duas dimensões da aprendizagem da língua escrita. Para isso, é conciso que os métodos de alfabetização e letramento realizados em sala de aula sejam projetados de forma que as crianças interajam na cultura escrita e participem de conhecimentos variáveis com a leitura e a escrita.

Assim, teríamos alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar

letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 2012, p. 47)

No entanto, precisamos compreender que alfabetizar letrando não incide num novo método de alfabetização, e sim num processo de reconstrução da leitura e da escrita através de práticas reais, contextualizadas e significativas. Este método ordena que o professor coloque os alunos em contato com os mais variados gêneros textuais em sala de aula, oportunizando a eles a experiência com diversas práticas sociais de leitura e escrita.

O apoio familiar é à base de todo o processo alfabetizar/letrar, a família necessita relacionar esse processo no cotidiano das crianças.

3.4. A FAMÍLIA E O DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO DAS CRIANÇAS

A família é a influência mais importante para o desenvolvimento intelectual e da personalidade de uma pessoa e, em conjunto com a escola, incita a construção do conhecimento, auxiliando o processo de formação dos filhos.

Na visão de Bandeira:

Família e escola são pontos de apoio ao ser humano, ambas precisam afinar seus discursos e aproximar os objetivos. Quanto melhor forem à parceria entre as duas instituições, mais positivos serão os resultados na formação do educando. Vida familiar, vida escolar e sociedade são indissociáveis. (BANDEIRA, 2015, p.13)

Logo, essas instituições são as responsáveis para conservar ativo nos educados a importância que a educação constitui para o desenvolvimento futuro.

Toda a criança carece de um apoio de certo alicerce para desenvolver seus conceitos e a família é fundamental responsável por isso.

A família é o principal ambiente de menção, abrigo e socialização dos indivíduos, pois ela preenche uma ampla eficácia no desenvolvimento de valores culturais, éticos, morais e espirituais, que vêm ficando transmitidos de geração em geração.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990), traz como disposição geral que:

Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência família e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes. (E.C. A, 1990, p.5)

A família, tal como a escola, exerce papéis decisivos na educação da criança. No entanto, para que a educação oferecida no lar, pela família, ocorra de forma satisfatória, se faz urgente existir uma parceria entre a escola e a família, é a partir dessa interação que objetiva-se a formação da criança de modo a se tornar um adulto capaz de cooperar positivamente para a edificação de uma sociedade mais equitativa.

A família tem a função de unificar o indivíduo, a sua formação educativa, pois são os responsáveis diretos. No entanto o papel de educar, de fornecer à educação formal é responsabilidade da escola, ou seja, ambas são corresponsáveis pela formação cognitiva, afetiva, social e da personalidade das crianças e adolescentes.

Libâneo define educação como:

Conjunto de ações, processos, influências, estruturas que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupo na relação ativa com o ambiente natural e social, e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais. (LIBÂNEO, 2000, p.22.)

Neste sentido, o que muitas vezes acontece é a família impor responsabilidades que sobrecarregam a escola e os professores, impedindo assim o procedimento de aprendizagem das crianças. As responsabilidades ao invés de serem transferidas, precisam ser partilhadas, pois ambas devem ser companheiras, e a escola por mais empenhos que faça jamais dará conta de substituir a família.

É essencial pensar a respeito das diferentes configurações e dinâmicas familiares, para desta forma compreender os discursos de participação dos pais na vida escolar dos filhos. As famílias se compõem e existem de diferentes maneiras. Deste modo, para ponderar a relação família/escola, ainda é preciso aprofundar um pouco sobre as funções e etapas ou ciclos das famílias.

Existe, no meio educacional, uma grande preocupação quanto à ausência de participação dos pais na escola. Muitos estudiosos do círculo de educação afirmam que o problema está na estrutura familiar a qual faz parte o educando, muitas vezes forçando-o a conviver em meio a conflitos constantes.

A família concebe a base para que o indivíduo edifique uma boa estrutura social, pois é no espaço familiar que a criança estabelece os primeiros relacionamentos, que em seguida envolverá a escola e por fim a sociedade. Por isso, a participação da família na vida da criança é de grande importância, é ela que servirá de exemplo de relacionamentos com outras pessoas. Além de exemplos de relacionamentos, é a família que inspira hábitos.

Percebe-se, assim, a importância do apoio dos pais não só na formação moral como também na construção de hábitos. Isso alude à importância do estímulo dos pais em incluir a educação, sendo cogente a junção da escola com a família, assim como também ao meio social para que se inclua uma educação eficaz. O

professor precisa ser o mediador entre o meio cultural e o indivíduo, uma vez que o mesmo deve socializar para construir o seu pensamento, pois os conhecimentos são aperfeiçoados através do meio.

Na infância, o ambiente escolar e sua dinâmica de funcionamento são amplas novidades para os pequenos. Abre-se um mundo novo, cheio de possibilidades, com interação com outras crianças e adultos e com diversos estímulos e informações.

No entanto, quando os pais participam ativamente da história escolar de seus filhos, eles confirmam encontrarem-se interessados nos processos em que as crianças são inseridas. Com isso, elas se sentem apoiadas, acolhidas e mais seguras para seguir no desenvolvimento educacional. Os pais repassam segurança, e estar sempre disponível para ajudar nas tarefas escolares é uma maneira de encorajar as crianças que, mesmo quando fora da escola, têm quem as ajude a manter esse hábito da importância de estudar fora da escola.

Na LDB Lei nº. 9394/96, de acordo com o artigo 2º:

A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana tem por finalidade o desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho.

Nessa Lei, percebe-se que a educação é atribuição tanto da família quanto do Estado. Ao nos depararmos com esse embate de responsabilidade. Assim, compreendemos um amplo desafio na realização da educação, a qual deve envolver ambas as partes.

Segundo algum teórico é necessário trazer a família para dentro da escola fazendo dela companheira da educação, uma vez que, é dentro da família que a criança começa a ampliar o processo educativo e ganhar influências culturais. Na convivência familiar, aumenta os afetos e tem as iniciais lições de socialização, formando os alicerces que formarão sua identidade. Zagury (2002, p. 85) reforça ainda que: “É sempre bom repetir que ninguém substitui os pais na tarefa de educar, de socializar, de ensinar o que é certo e o que é errado, de formar cidadãos éticos e de dar valores aos filhos”. Zagury (2002, p. 85)

É correto ressaltar, segundo a mesma autora, a necessidade de ter consciência do exemplo de ensino que a escola segue, do que todo um de nós acredita nela encontrar, uma vez que esta opção é a relação que poderá garantir uma companhia certa e duradoura entre família e escola.

A experiência escolar tem indicado que a participação dos pais é de principal importância para o desempenho escolar e social das crianças. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no seu artigo 4º discorre:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990)

Levando-se em importância que família e a escola buscam alcançar os mesmos objetivos, preparar a criança para o mundo, precisam estes comungar os mesmos ideais para que possam vir a superar enigmas e conflitos que diariamente afligem os profissionais da escola e também os próprios alunos e seus pais.

A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida à escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos. (REIS, 2007, p. 6)

A escola, embora seja de responsabilidade do Estado, é para a sociedade uma extensão da família, pois é através dela que se obtém desenvolver pessoas críticas e cômicas de seus direitos e deveres.

A escola tem um papel preponderante na contribuição do sujeito, tanto do ponto de vista de seu desenvolvimento pessoal e emocional, quanto da constituição da identidade, além de sua inscrição futura na sociedade. (SYMANSKI, 2001, p 90).

Portanto, uma boa afinidade entre a família e a Escola precisa estar presente em qualquer trabalho educativo que apresente como principal alvo o aluno. É importante que a família esteja engajada no método educação aprendizagem, isto beneficia o papel escola, porquanto das vinte e quatro horas do dia, somente quatro horas a criança permanece na escola, as outras vinte horas está no convívio familiar.

A parceria entre a família e a escola é de suma importância para o sucesso no desenvolvimento intelectual, moral e na formação do indivíduo na faixa etária escolar. [...] Afinal, por que até hoje em pleno século XXI a escola reclama da pouca ou insignificante participação da família na escola, na vida escolar de seus filhos? Seria uma confusão de papéis? Onde estaria escondido o ponto central desse dilema que se arrastam anos e anos? (GARCIA, 2006, p. 12).

Portanto, a família, a escola, e a sociedade, juntas, contribuem para o progresso da criança, pois têm importante tarefa a ser desenvolvida na aprendizagem. Assim, quando a criança apresentar alguma dificuldade, todos devem juntar esforços para a superação das dificuldades, de modo que as crianças não criem maligna impressão das escolas. A escola necessita apreender que apreciar seus educando é de grande valor.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A família é o principal ambiente de referência, proteção e socialização dos indivíduos, independente da forma como se expõe na sociedade. Ela cumpre importante papel no desenvolvimento de valores culturais, éticos, morais e espirituais, que vêm sendo transmitidos de geração em geração.

A família é à base da criança, principalmente quando começa a sua escolarização, todo o apoio que recebe ou deixa de receber reflete na sua evolução no processo escolar. A participação da família na vida educacional traz estímulo para o processo de aprendizagem.

A evolução da família, desde a família burguesa das últimas décadas do século XIX até nossos dias, não foi um andamento linear. Não é simples refazer essa trajetória, mais podemos anotar algum, marcos decisivo.

Segundo ARATANGY (2010: pag. 49), afirma que no final do século XIX, as relações familiares eram regidas por uma rigorosa divisão dos papéis sexuais: o marido era a chefe e o provedor: e a esposa considerada menos racional e menos capaz, era totalmente dependente dele e a ela pertencia zelar pela casa e pelo bem - estar dos filhos.

Para SUTTER, (2007: pag. 71), fala que a família é um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de ficarem juntas, de construírem algo e de se complementarem. É por meio dessas relações que as pessoas podem se tornar mais humanas, aprendendo a viver e a conviver social e afetuosamente de maneira adequada.

Pode-se afirmar que a instituição familiar teve que se adequar às novas exigências que foram aparecendo com relação à contemporaneidade trazendo diversas mudanças na cultura, nos costumes, hábitos, e na evolução nos tipos de relacionamentos, assim como dos pais para com os filhos.

Ainda ARATANGY (2010: pag. 42), esclarece que a segunda metade do século XX assistiu a importante transformação: o aperfeiçoamento dos métodos anticoncepcionais tornou a contracepção mais eficiente, e a independência financeira da mulher estimulou os homens seguirem uma nova atitude dentro da dinâmica familiar.

Para PRADO (2009: pag. 24), aponta que o modelo de família e sua composição variam conforme o tipo de sociedade. Como toda instituição social, ela apresenta aspectos positivos, pois desenvolve a sociabilidade, o afeto e a solidariedade, Mais apresenta também imposições normativas do uso de costumes, que muitas vezes provocam conflitos no ambiente familiar. A família não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social mudando através da história e apresentado até formas e finalidades diversas em uma mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado. No âmbito familiar, é possível lembrar a conquista feminina com o acesso da mulher no mercado de trabalho, adquirindo ainda igualdade de direitos também na vida pública, com isso o homem passou a se dedicar mais as tarefas domésticas, guarda e educação dos filhos.

É preciso compreender a família como um fenômeno historicamente situado, sujeito as alterações, de acordo com as mudanças das relações de produção estabelecidas entre os homens [...]. É evidente que as funções da família vão depender do lugar que ela ocupa na organização social e na economia (ARANHA, 1989, p. 75).

Nos últimos anos, várias modificações ocorridas no plano sócio político-econômico relacionado ao processo de globalização da economia capitalista vêm intervindas na dinâmica e estrutura da família e permitindo mudanças em seu padrão tradicional de organização.

Nas mudanças ocorridas na estrutura familiar ROMANELLI diz:

“Uma das transformações mais significativas na vida doméstica e que redunde em mudanças na dinâmica familiar é a crescente participação do sexo feminino na força de trabalho, em consequência das dificuldades enfrentadas pelas famílias”. (2005, p. 77).

O novo modelo de família permite a sua formação de acordo com os vínculos de afeto entre as pessoas e, assim, podendo ser composta por qualquer um, ou seja, não existe mais aquele padrão do qual a família era composta do pai, da mãe e dos filhos. Hoje, a família não tem uma estrutura predeterminada. Uma tia e uma sobrinha podem, perfeitamente, compor uma família, desde que, entre elas permaneçam laços de afeto, amor amizade, e carinho, diante de tanta afinidade e cumplicidade.

A família é a grande referência para os que fazem parte dela, pois é dela que a pessoa recebe educação, assistência, proteção e toda estrutura para o seu acréscimo. A mesma ajuda o indivíduo construir sua própria personalidade para que deste modo obtenha inserir-se na sociedade e alcançar seus objetivos.

Para Áries (1978, p. 274):

A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas grande parte do tempo e da preocupação dos adultos. A mesma correspondeu a uma necessidade de

intimidade, e também de identidade: agora os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida.

Atualmente a família está estruturada completamente diferente do antigo padrão familiar de pai, mãe e filhos. O que se observa é que este padrão se modificou e surgiram outras formações como casais vindos de outros relacionamentos, homossexuais, avós e netos, dentre outras.

É grande o número de famílias em que a mulher compartilha a chefia, por mais que o pai ainda faça parte do lar mais as responsabilidades é partilhada isso é garantida por lei.

A mulher brasileira ganhou espaço na sociedade depois das conquistas dos direitos mesmo que de modo superficial, como o voto direto e democrático, diferenças já foram amenizadas, a exemplo dos preconceitos raciais e de gênero, obstáculos rompidas.

Durante a Idade Média, crianças e adultos eram tratados como iguais socialmente, promovendo a exploração, maus tratos, com as crianças, como afirma Áries (2002), o “sentimento de infância foi construído socialmente no final da idade média, até então as crianças eram tratadas como “adultos em miniatura” e que necessitavam de cuidados básicos só até conseguirem executar tudo sozinhas”.

Cada uma dessas palavras designando um período diferente da vida. Desde então, adotamos algumas dessas palavras para designar noções abstratas como puerilidade e senilidade, mas estes sentidos não estavam contidos nas primeiras acepções. (ARIÈS, 1981, p. 4).

Percebemos as mudanças nos termos utilizados para identificar o que Philippe Áries chama de “idades da vida”. Em sua análise ele destaca que palavras como criança, adolescentes e adultas só foram aparecer com a sociedade moderna. A análise foi feita a partir de obras de arte, nas quais identificou que crianças eram representadas de forma adulta, como se estivessem em miniaturas, e isso demonstrava a carência de sentimento de infância. Áries afirma que “A criança, por

muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, e sim, homens de tamanho reduzido” (ARIÈS, 1981 p.18).

A distinção entre infância e idade adulta começou com a identificação das idades da vida. Philippe Áries (1981) chama a atenção para a preocupação da contagem de tempo demarcando as idades nos últimos anos, algo que não ocorria em séculos anteriores.

A criança primeiramente surge como uma miniatura do adulto retratada assim pelos seus trajes e expressão facial, já a adolescência não é uma fase conhecida no período, pois como afirma Áries (1981) “como juventude significava força da idade, “idade média”, não havia lugar para a adolescência”. O autor afirma ainda que o termo “adolescente” foi usado como sinônimo de criança até o século XVIII e a ideia de infância estava ligado à ideia de dependência.

Portanto, o conceito de infância foi construído historicamente, a partir do final da Idade Média e durante a Idade Moderna na Europa. É perceptível como na literatura e nas pinturas as crianças vão recebendo espaço, evidenciando que a sociedade ocorria a ver naquele momento a criança com outros olhos. Ela passava a ter direito a uma infância pacífica, cuidados próprios essenciais a idade, não só de dependência, mas principalmente voltados para suas capacidades cognitivas.

Piaget propõe quatro estágios ou períodos do desenvolvimento da criança, são eles: o estágio sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos), operatório concreto (7 a 11 anos) e operatório formal (12 em diante). Realçaremos apenas os dois primeiros estágios de desenvolvimento por abrangerem a idade considerada.

Segundo Piaget no Estágio sensório-motor, que vai do zero até os dois anos de idade, se inicia o desenvolvimento das coordenações motoras. A criança aprende a distinguir os objetos do próprio corpo e os seus pensamentos estão vinculados ao concreto. Já no Estágio simbólico, que é dos dois até por volta dos sete anos, o pensamento da criança está localizado nela mesma, é um pensamento egocêntrico.

E é nesta fase que se apresenta a linguagem, como socialização da criança, que se dá através da fala, dos desenhos e das dramatizações. No Estágio Conceptual, que é dos sete até por volta dos 11, à criança segue bastante egocêntrica, ainda tem dificuldade de se pôr no lugar do outro. E a predominância do pensamento está vinculada mais acomodações do que as assimilações. No último

Estágio que é o das Operações Formais, que vai por volta dos 11 anos até a vida adulta, é uma fase de mudança, de criar ideias e hipóteses do pensamento. A linguagem tem um papel fundamental para se comunicar.

Quanto às interações sociais, elas cometem a parte desse fator às interações do sujeito com o mundo social a partir da escola, da família, dos grupos culturais e das transmissões que socialmente são recebidas. Segundo Piaget (1998), para que essa transmissão se torne possível entre o adulto e a criança e entre o meio social e a criança, é preciso que ela assimile as transmissões advindas do meio, não de maneira passiva, mas por meio de suas próprias construções. As interações sociais são importantes para o avanço do pensamento e da ação, além de cooperarem para que se alcance o grau de cooperação e desenvolvimento da vida afetiva.

Quando da implantação do Ensino Fundamental, promovendo a inserção da criança de seis anos neste ciclo de formação, muitos debates apareceram entre os educadores questionando esta inserção pelo fato de compreender que existiria o risco de haver um aceleração da infância, pois entendiam que o ensino fundamental enfatizava exclusivamente a escolarização, ignorando as características e necessidades da criança de viver sua infância.

Antes de ingressar na escola, a criança já possui conhecimentos e já levanta hipóteses acerca da leitura e da escrita e, que mediante práticas de leitura e escrita pautadas na ludicidade, no movimento e na livre expressão, a criança de seis anos está apta para ter acesso e se adequar destes conhecimentos sem problemas, desde que se considere sua característica, sua cultura, seu tempo e espaço que vive.

Para a criança, o método da alfabetização é um mundo totalmente novo, deixando de lado o desenho para alcançar a produção escrita, por isso, pode ser considerado um desafio para muitos professores.

Desde cedo as crianças vivem com diferentes informações produzidas e interpretadas pelos adultos, em jornais, televisão, e letreiros. Para que a criança entenda melhor tudo isso com que ela convive, é necessário oferecer todo tipo de material escrito que for possível na sala de aula. Como nos afirma Emília Ferreiro: "Em cada classe de alfabetização deve haver um "canto ou área de leitura" onde se encontrem não só livros bem editados e bem ilustrados, como qualquer material que contenha escrita..." (FERREIRO, 2002, p.33). Desta maneira ela vai tendo o contato com o material escrito e percebe as coisas com que ela convive no mundo, então vai

naturalmente se alfabetizando, sendo muito importante a estimulação para a pré-leitura e pré-escrita.

A aprendizagem na educação infantil precisa partir de uma proposta pedagógica que tenha como princípio o respeito ao contexto social o qual a criança vive, bem como apreciando o saber, o conhecimento que elas trazem para a escola.

Nas primeiras fases, o que a criança pratica em sua atividade linguística dialógica são metodologias comunicativas e cognitivas não coordenadas entre si, é da eficácia desses processos na ação sobre o seu interlocutor que a criança passa a atuar sobre eles enquanto objetos linguísticos e pode coordená-los, relacionando-os e construindo subsistemas.

É importante que as apropriações dos conhecimentos por meio de práticas pedagógicas priorizem atividades significativas e lúdicas, admitindo que as crianças com suas experiências e seus conhecimentos espontâneos. A partir daí, o professor passa orientá-las na compreensão das formas de pensar, sentir e agir, colocadas em sua cultura e adequadas pelo ambiente escolar como um todo.

Nesta perspectiva, a organização nas instituições de Ensino, torna-se relevante, pois este ambiente é exatamente favorável para as crianças vivenciarem momentos de situações livres em que podem expressar seus anseios e emoções, por meio de brincadeiras, jogos educativos, imitações. O educador precisa estar cuidadoso às suas atitudes e aos papéis que cada um assume.

Entretanto, esse processo nem sempre é fácil, podendo existir dificuldades é preciso que o professor adapte sua prática a partir da realidade e necessidades de seus alunos. Por meio da observação e do registro, o educador acompanha o método de desenvolvimento da aprendizagem, a visão total das crianças, revelando assim suas especificidades.

De fato, estes processos acontecem inicialmente fora e antes da criança chegar à escola.

Silva (2007) argumenta que:

“o educador que se torna sujeito do fazer é aquele capaz de refletir e de realizar pesquisas e a ensinar a refletir a pesquisa o papel de sujeito da atividade educativa na medida em que coordena, orienta, intervém, articula, motiva a avalia- gere os processos de aprendizagem no âmbito na sala de aula. Não é superior ao educando, mas alguém que possui conhecimento

diferenciado e aprofundado em determinada área e tem condição suficiente para estabelecer metas para o trabalho a ser desenvolvido” (p.39).

O educador possui o conhecimento impar, para sempre ser capaz de refletir sobre seu método de ensino, saber o seu processo de avaliação.

O docente, para que tenha realização plena ao exercer sua profissão, necessita se considerar sujeito de sua história e procurar a autonomia através de sua formação contínua e permanente. Mas para que o docente tenha uma formação de qualidade, e que esta formação crie desafios e projeção futura, e necessário que alguns desafios sejam vencidos.

O professor, desde sua formação, precisa ter consciência da importância da sua atuação para a formação dos seus alunos. Como afirma Kleiman (1997, p.17) “é necessária uma formação teórica do professor na área de leitura”, para que este, além de considerar sua importância, não vincule práticas de ensino que são desmotivadoras tanto para os alunos, como para os professores.

Não podemos negar que a prática de ensino corresponde à prática específica de leitura e escrita: Os alunos leem textos “cartilhados”, vinculados aos fonemas ou as sílabas que estão estudando, textos que só são lidos/ escritos na escola para cumprir as funções sociais às quais se destinam aprendizagem da leitura e da escrita (SOARES, 1998, p. 23).

O professor ao desenvolver suas aulas deve lembrar-se de desenvolver estratégias de ensino adequadas para que seus alunos apresentem acesso a uma cultura de letramento diversificada. Deve estimular a leitura e a escrita de cada aluno, com as habilidades e compreensão sobre as palavras faladas.

A educação é um dever da família e da escola. Ambas carecem interagir para garantir os direitos da criança nos assuntos referentes ao ensino, dando-lhes suporte e apoio para o pleno desenvolvimento da aprendizagem.

A família intervém de forma relevante no processo de desenvolvimento de aprendizagem da criança na escola. A educação da escola e da família trata de aspectos semelhantes, porém diferentes. Eles se completam. Para tanto, uma não pode substituir a outra, nem aceitar para si toda a responsabilidade da educação. A

família tem a obrigação de acompanhar o filho em sua caminhada de vida, mostrando-o como as coisas precisam ser feitas; a escola tem a função de estimular a criança a aprender, sendo também fundamental no desenvolvimento intelectual da mesma.

A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida à escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos. (REIS, 2007, p. 6)

Somente com a integração entre família e escola a criança terá mais segurança em seus estudos, estudará com facilidade e terá um desenvolvimento sadio e sem conflitos.

É necessário que possua uma parceria forte entre escola e família para que a criança aprenda naturalmente, sem criar conflitos ou ansiedades desnecessárias. Os pais que, por ventura, deixam seus filhos sob a responsabilidade unicamente da escola, não podem lamentar-se posteriormente se seus filhos ficarem desestimulados ou com rendimento baixo ao dos colegas de classe, visto que não acompanharam seu processo de aprendizagem e rendimento escolar para poder auxiliá-los.

O dever da família com o processo de escolarização e a importância de sua presença no contexto escolar é publicamente conhecido. De tal maneira a família, tanto quanto a escola pode ser responsável pelo sucesso ou pelo fracasso da vida escolar de uma criança, e essa relação, quando negativa, pode gerar, inclusive, distúrbios de aprendizagem. Segundo Vygostky (2000, p.87),

A educação (recebida na família, na escola, e na sociedade de um modo geral) cumpre um papel primordial na constituição dos sujeitos. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola.

Se os pais almejam que os filhos se saiam bem na escola, é essencial que estimulem a criança a tirar proveito do estudo feito em casa. Os pais não podem simplesmente admitir que a criança dê conta de seus estudos sozinha, como se ela fosse autônoma, e muito menos ajudá-la de forma errada, fazendo a tarefa de casa por ela, por exemplo. Isso vai fazer com que a criança se desestimule, ache que não é capaz de cumprir tal tarefa, afetando seriamente a sua autoestima em toda a sua vida acadêmica.

Nesse sentido, é de fundamental importância o apoio dos pais e sua cooperação com a escola, em todo o processo de escolarização da criança, e principalmente no processo de alfabetização, considerando que esta etapa não se resume somente em aprender a ler e escrever, mas insere a criança na sociedade, promovendo acessos a bens culturais e promovendo a comunicação com outras pessoas, usando essa competência de forma a levar o indivíduo ao efetivo exercício da cidadania.

A família conduz as crianças às primeiras práticas de letramentos. Neste sentido, introduz as crianças a práticas de letramentos, empregando gêneros orais ou escritos que produzem reflexões pessoais e acerca do mundo, modificando seu modo de se relacionar com o mesmo. Embora algumas famílias não saibam impor valores e limites.

A família é quem ensina a criança os seus primeiros letramentos e, se estão incluso de um mesmo contexto, essas normas simplesmente vão sendo passadas cotidianamente.

Um dos principais elementos para a estimulação da criança é sua interação com o adulto ou com outras crianças no espaço familiar. Essa interação contribui para que a criança desenvolva sua percepção, dirija e controle seu comportamento, e adquira conhecimentos e habilidades.

Segundo Chinoy:

A família tem como função social transmitir a criança normas e condutas, valores e crenças, requisitos da reprodução humana para a manutenção e continuidade da vida humana na terra.
(CHINOY, 2008, p.223)

Dessa forma, não se pode atribuir apenas para a escola a responsabilidade pela formação da personalidade da criança, esta precisa apenas complementar o

papel da família, assim o encargo das duas no processo de aprendizagem da criança é fundamental.

A família como um contexto dinâmico e fundamental para crianças em desenvolvimento, na fase da alfabetização, também pode auxiliar a compreender o processo de aquisição da linguagem escrita.

A família não necessita participar apenas das atividades escolares de seus filhos, mas da organização, do desenvolvimento dos projetos pedagógicos e da gestão escolar.

Para Ramos (2011, p.132), “a família não é um objeto internalizado, mas um conjunto de relações internalizadas, laços que vão transformando-se em modalidade de aprendizagem”.

É no âmbito familiar que as crianças encontram os primeiros professores e ensinamentos que vão permanecer presentes por toda a vida, colaborando para seu desenvolvimento nos aspectos social, familiar e pessoal. A educação familiar é um fator de grande importância na formação da criança, desenvolvendo a criticidade, ética, cidadania e refletindo no processo escolar.

Quando a criança inicia a sua vida escolar, os pais necessitam ficar mais presente ainda na escola. Sempre participar das reuniões, eventos, e o acompanhar o dia a dia da criança, conversar sempre com os professores, procurar sempre se manter informado sobre o desenvolvimento afetivo, e cognitivo dos filhos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste TCC, abordamos o papel da família no processo de alfabetização e letramento das crianças de 6 a 8 anos de idade. Constatamos que a participação dos familiares/responsáveis na vida escolar dos filhos é de suma importância, porém esta participação não se dá de forma homogênea, até porque o reconhecimento desta importância, as condições de participação e as estruturas familiares são diversos.

Ser criança é estar em fase de descobertas, se autoconhecendo e conhecendo o mundo a sua volta. Neste processo, sob a responsabilidade dos familiares, também começa o contato com o mundo das palavras escritas, por meio de letreiros, aparelhos eletrônicos, revistas, panfletos, etc. de modo que o processo de alfabetização e letramento começa antes mesmo da escolarização, ainda na família.

É neste contexto que a criança pode começar a perceber a importância da leitura, e é a família a instituição capaz de iniciar a valorização e o gosto pela leitura. Isto pode ocorrer por meio do exemplo, posto que crianças também aprendam pelo exemplo. Assim, crianças que observam leitores criam hábitos de leitura.

A prática de escrita e leitura como resultada das interações sociais, o que constitui o letramento, é o que dá sentido e torna relevante para o sujeito este processo. De tal modo que a alfabetização mecânica não o torna capaz de interagir plenamente, o que certamente gera a falta de interesse pela leitura e escrita. Assim, para que a criança possa se desenvolver plenamente, familiares e/ou responsáveis pelas interações sociais são indispensáveis apresentando pequenas leituras, incentivando, dando atenção a esta tão necessária e delicada fase que é a alfabetização e o letramento.

No entanto, se é fato que as estruturas familiares são distintas e a disponibilidade para os pais/responsáveis contribuírem com o processo de escolarização, de um modo geral, não são homogêneos, cabe à escola e ao professor identificar os limites desta contribuição de modo a promover situações em que estas crianças possam ser atendidas plenamente.

Neste sentido, enfatizamos a necessidade de novos estudos que identifiquem como responsáveis e professores percebem esta delicada situação, e quais são as possíveis estratégias para proporcionar às crianças oportunidades de desenvolvimento pleno no processo de escolarização.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- ARATANGY, Lidia Rosemberg. **Novos desafios da convivência, desatando nó da trama familiar**. 1ª edição – São Paulo: Rideel, 2010.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- ARANHA, M. L. de A. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.
- BRASIL. Lei de diretrizes e Bases da Educação, **lei nº. 93/94** de dezembro de 2006.
- PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Vol.1. **Introdução aos parâmetros Curriculares Nacionais/Secretaria de Educação Fundamental**. -Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. 7.ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: MEC/SEB, 2007. 135p.
- BRASIL. **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a pratica**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes. MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Rev Bras Enferm, Brasília (DF) 2004 set/out; 57(5): 611-4. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>. Acesso em: 01 de abril de 2021.
- FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.
- FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo, Cortez, 1986;

FERREIRO, Emilia; Teberosk, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas 1985. 284p.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4, Ed. Porto Alegre: artes médicas. 1991;

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 1982, 1989.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Ronaldo. **Alfabetização: leituras do mundo, leituras da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. 1º ed. São Paulo: Moderna, 2003;

GARCIA, E. G. VEIGA, E.C. **Psicopedagogia e a teoria modular da mente**. São José dos Campos: Pulso. 2006.

GIL, Antonio, 1946- Como elaborar um projeto de pesquisa/ Antonio Carlos Gil. 4 – ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <http://home.ufam.edu.br/salomao/Tecnicas%20de%20Pesquisa%20em%20Economia/Textos%20de%20apoio/GIL,%20Antonio%20Carlos%20-%20Como%20elaborar%20projetos%20de%20pesquisa.pdf>. Acesso em: 11 de novembro de 2020.

GERHARDT, Tatiana Engel. et al. METÓDOS DE PESQUISA. In: Estrutura do Projeto de Pesquisa. 1ª Ed. Porto Alegre (RS): Editora da UFRGS, 2009. P. 69-84. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 05 de abril de 2021.

KLEIMAN, ÂNGELA B. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. Campinas SP: Pontes, 1997

KUENZER, Acácia (Org.). Ensino Médio: **Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 3ª ed. Cortez, 2002.

MARUNY curto, Luís. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensina-las a escrever e ler**/ Luís Maruny curto <Maribel Ministrál Morillo e Manuel Miralles Teicidó; tradução Ernani Rosa. -Porto Alegre: Artmed, 2000MORAES, M. C. **Subsídios para Fundamentação do Programa Nacional de Informática na Educação**. Secretaria de Educação à Distância, Ministério de Educação e Cultura, Jan/1997.

PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1932/1977.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Tradução de Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

PRADO, M. E. B. B.; ALMEIDA, M. E. B. **Formação de educadores: fundamentos reflexivos para o contexto da educação a distância**. In: VALENTE, J. A.;

BUSTAMANTE, S. V. (Orgs.). EAD e reflexão sobre a prática: a formação do profissional reflexivo. São Paulo: Avercamp, 2009;

RAMOS, Maria Beatriz Jacques; FARIA Elaine Turk. **Aprender e Ensinar: diferentes olhares e práticas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. Disponível em: . Acesso em: 12 de novembro de 2020.

REIS, Risolene Pereira. **Relação família e escola**: uma parceria que dá certo. *Mundo Jovem*: um jornal de idéias. p. 06. Ano XLV –nº 373 - Fevereiro de 2007.

REIS, Risolene Pereira. **In. Mundo Jovem**, nº. 373. Fev. 2007, p.6.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. IN: Carvalho, M. C.B.A. **Família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 2005.

ROJO, Roxane. (org). **Alfabetização e Letramento: Perspectivas Linguísticas**. Ed. Mercado de Letras: Campinas, SP, 1998.

SILVA, I. M. (2007) avaliação, **reflexão e pesquisa na formação inicial de professores/as**. In NARDI, R.G; LOPES, M.C. R; HANSEN, J.H. (orgs.) *identificação docente: uma construção entre saberes e praticas*;

SILVEIRA, Denise Tolfo. CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. MÉTODOS DE PESQUISA. In: A Pesquisa Científica. 1ª Ed. Porto Alegre(RS): Editora da UFRGS, 2009. P.31-35. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

SOARES, Magda, **Letramento: Um tema em três Gêneros** – Belo Horizonte: Autêntica, 1998; 2012;

SUTTER, G. **Refletindo sobre a relação Família Escola**. www.webartigos.com; 2007.

SYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Plano, 2001.

SZIMANSKI, H.; ALMEIDA (Org.). **A Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

SZYMANZKI, Heloisa. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. 1ª reimpressão. Brasília, Plano Editora: 2003.

SZYMANZKI, Heloisa. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. 1ª reimpressão. Brasília, Plano Editora: 2003.

TEBEROSKY Ana, GALLART, Marta S. **Contextos de alfabetização inicial**. Porto Alegre, Artmed, 2004.

TEBEROSKY, Ana e COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever**. Porto Alegre, Artmed, 2001.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamentos e linguagens**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida**. Rio de Janeiro: Qualitymark, Ed. 1997.

ZAGURY, Tânia. **Escola sem conflitos: parcerias com os pais**. Rio de Janeiro: Record, 2002